

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
NARCELIO RAMOS RIBEIRO	Instituto Mancala	Igor Dantas dos Santos Miranda.	1

DESIGUALDADES RACIAIS E FUTUROS TECNOLÓGICOS RESULTANTE DA CONVERGÊNCIA ENTRE IA, NOVAS FONTES DE ENERGIA E TECNOLOGIAS QUÂNTICAS

OBJETIVO: Despertar a comunidade negra para uma leitura crítica e prospectiva das transformações tecnológicas em curso, com foco na convergência entre inteligência artificial, nova matriz energética e tecnologias quânticas, tomando como eixo central seus impactos sobre desigualdades raciais, disputas por soberania tecnológica e possibilidades de inclusão social.

Partindo da abordagem desenvolvida em ODU.CODES 2026 (DECODIFICANDO OS CENÁRIOS TECNOLÓGICOS DO AMANHÃ), a atividade discutirá como tecnologias habilitadoras vêm sendo implementadas de forma simultânea e acelerada, reconfigurando cadeias de valores, trabalho, educação, governança, economia, tecido social e poder em escala global. A oficina buscará traduzir esse debate para o contexto brasileiro, com atenção especial às implicações para populações negras, indígenas e territórios historicamente marginalizados.

Ao longo do encontro, os participantes serão apresentados a conceitos de prospecção de cenários como forças motrizes e fatos portadores de futuro, e serão convidados a identificar oportunidades, riscos e assimetrias associados à difusão dessas tecnologias. A proposta parte do entendimento de que a IA, TECNOLOGIAS PARA NOVA MATRIZ ENERGÉTICA e TECNOLOGIAS QUÂNTICAS não produzem inclusão automaticamente: seus efeitos dependem de escolhas políticas, modelos de governança, participação social, educação, e acesso a infraestrutura, de formação e dados. Nesse sentido, a oficina pretende estimular uma reflexão coletiva sobre como construir trajetórias tecnológicas mais justas, socialmente enraizadas e comprometidas com equidade racial.

METODOLOGIA: Será feita uma apresentação dos Cenários Tecnológicos Futuro e debates, com foco nas oportunidades, desafios e ações para a inclusão racial.

RESULTADO ESPERADO: espera-se oferecer aos participantes instrumentos conceituais e analíticos para interpretar tendências tecnológicas emergentes, reconhecer seus efeitos desiguais e imaginar estratégias de apropriação crítica e emancipatória das tecnologias voltadas para IA, Matriz Energética e Tecnologias Quânticas. A oficina combina exposição dialogada, leitura de cenários e discussão colaborativa, sendo voltada a estudantes, pesquisadores, educadores, ativistas e profissionais interessados nas relações entre tecnologia, futuro e justiça racial.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Maria Alice Arrais Pereira	Universidade Federal de Minas Gerais		2

Explorando o Repositório Digital Antirracista: prática orientada de pesquisa e gestão do conhecimento

Criado pela Fundação Antillana, o Repositório Digital Antirracista se mostrou uma ferramenta poderosa frente ao arquivamento de dados, divulgação da informação e pesquisa. Dessa forma, pretendemos analisar e elaborar propostas de materiais formativos para a educação antirracista. Para isso, será apresentado as operacionalidades principais da plataforma através da exibição simultânea em aparelho de projeção conectado a navegação em computador e comparada com bases de dados de teor acadêmico, como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Após a etapa de análise e discussão de funcionalidades, os alunos serão convidados a eleger possíveis temas de aula para duas faixas etárias: ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Com autonomia, irão reunir o material recuperado na base de dados do Repositório Digital Antirracista e apresentar a todos com os códigos utilizados para a recuperação da informação. Ao final, espera-se que o conjunto de dados tenha diversidade documental, como músicas, podcasts além de apenas artigos científicos. Assumindo a proposta de interdisciplinaridade e valorização do conteúdo não-acadêmico, como defendido pelos idealizadores do projeto. Além disso, a difusão da base manifestada em um cenário criativo e colaborativo pode ampliar as formas de utilização e divulgação dela, pensada para diferentes propostas formativas e também uso pessoal para pesquisa.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Denise Teixeira Neri	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)		3

Saúde digital e hipervulnerabilidade interseccional: cuidados e direitos da mulher idosa negra

A oficina parte de uma constatação central: a mulher idosa negra chegou à velhice após décadas exercendo trabalho de cuidado quase sempre sem contrato, sem remuneração e sem reconhecimento jurídico. Ao demandar proteção, encontra um sistema construído sobre um sujeito abstrato e universal que ignora a sobreposição de desigualdades de raça, gênero e idade. A esse cenário soma-se uma nova camada de exclusão produzida por sistemas de inteligência artificial que estruturam plataformas de saúde, serviços públicos e redes sociais, reproduzindo e agravando essas desigualdades no ambiente digital. Estudos indicam que 90,5% das pessoas identificadas equivocadamente por sistemas de reconhecimento facial no Brasil são negras, e que mulheres idosas negras figuram entre os grupos com maior taxa de erro, pela combinação de raça e das alterações físicas decorrentes do envelhecimento.

O objetivo geral da oficina é capacitar os participantes a identificar situações de hipervulnerabilidade interseccional e a mobilizar instrumentos jurídicos e normativos para proteger mulheres idosas negras em diferentes contextos de atuação. Para alcançar esse propósito, a oficina persegue quatro objetivos específicos. O primeiro consiste em apresentar o conceito de hipervulnerabilidade interseccional no envelhecimento, articulando os referenciais de Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Lélia Gonzalez e Djamila Ribeiro com a dogmática civilista. O segundo visa examinar como sistemas algorítmicos reproduzem racismo e exclusão etária em plataformas de saúde digital, à luz da LGPD e do Marco Legal da Inteligência Artificial. O terceiro propõe analisar casos concretos de abandono, violência patrimonial e negação de direitos com base no ordenamento vigente. O quarto objetiva construir coletivamente um protocolo prático de proteção de direitos aplicável por advogados, profissionais de saúde, assistentes sociais e ativistas.

A oficina tem duração de duas horas, em formato online com uso de salas virtuais, organizada em três blocos progressivos. No primeiro bloco, de 30 minutos, os participantes compartilham experiências antes de qualquer sistematização teórica, e os conceitos de hipervulnerabilidade interseccional, racismo estrutural e discriminação algorítmica são apresentados em diálogo com os marcos normativos aplicáveis, incluindo a Política Nacional de Cuidados, a PNSIPN, a LGPD e o Marco Legal da Inteligência Artificial.

No segundo bloco, também de 30 minutos, os participantes trabalham em pequenos grupos com estudos de caso baseados em situações reais documentadas na jurisprudência, envolvendo exclusão digital no acesso ao SUS, uso discriminatório de reconhecimento facial e violência patrimonial intrafamiliar. No terceiro bloco, de 60 minutos, os grupos compartilham suas análises em plenária e constroem coletivamente um protocolo prático de proteção de direitos organizado por instrumentos e fluxos de acionamento.

Ao final, espera-se que os participantes sejam capazes de identificar situações de hipervulnerabilidade interseccional no cotidiano profissional e militante, de reconhecer como sistemas de inteligência artificial produzem e intensificam desigualdades raciais e etárias, e de mobilizar instrumentos jurídicos concretos. O produto coletivo da oficina é um protocolo prático de proteção de direitos, diretamente aplicável em diferentes contextos de atuação.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Paulo Rená da Silva Santarém	Aqaltune Lab		4

Hackeando o Epistemicídio: Práticas de Visibilidade para Referências Negras na Plataforma Wiki Akoben.

A oficina "Hackeando o Epistemicídio" surge da necessidade urgente de enfrentar o apagamento histórico e a invisibilidade de intelectuais negros nos campos do Direito e da Tecnologia no Brasil. Atualmente, o conhecimento sobre essas trajetórias muitas vezes permanece restrito a formatos estáticos ou redes fechadas, sofrendo com a rápida defasagem de dados. O objetivo central desta atividade é capacitar os participantes a utilizarem o ecossistema Wikimedia (Wikipédia e Wikidata) como ferramenta política de combate ao epistemicídio, transformando a lista de especialistas da "Cartilha Akoben" em dados estruturados e globalmente indexáveis. A metodologia será dividida em três fases complementares. 1. Fundamentação Teórica: Apresentação do Protocolo ABCD (Abrir perspectiva, Bancar presença, Cuidar da participação e Diversificar pauta) como diretriz para a curadoria de conteúdo antirracista e inclusivo. 2. Prática de Edição (Editatona): Demonstração técnica

de como criar e melhorar verbetes na Wikipédia lusófona, focando em temas como Direito Digital, IA e discriminação, e proteção de dados sob uma perspectiva racializada. 3. Estruturação de Dados: Introdução ao Wikidata para a inserção de metadados (formação, localização e especialidade), garantindo o que chamamos de "visibilidade algorítmica" — a garantia de que esses especialistas sejam encontrados por sistemas de recomendação e curadores de eventos. Os resultados esperados incluem a capacitação de novas pessoas negras para editor a Wikipedia e atuar de forma ativa na rede; a melhoria da qualidade do conteúdo em língua portuguesa sobre interseccionalidade tecnológica; e o fortalecimento da rede de sinergia iniciada em Belém durante o FIB. Ao final, quem participar terá aptidão para replicar o método de "emparelhamento" diante dos algoritmos de pesquisa (Google, Bing, etc.), diante das gerações, e diante da comunidade, garantindo que trajetórias de excelência negra ocupem espaços de destaque no conhecimento aberto mundial. Em vez de criar verbetes isolados (que são mais fáceis de apagar ou ignorar), o método cria uma "teia de excelência" onde cada nome sustenta e promove o outro, garantindo que a presença negra no Direito e na Tecnologia seja robusta, indexável e permanente.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Pâmela Layla Freitas Barbosa	IFCE - Campus Fortaleza.	Paulo Regis Carneiro de Araújo	5

Identificando o Racismo Digital: da teoria de Tarcízio Silva à prática com linha do tempo e papel.

Capacitar participantes a identificar, analisar e classificar diferentes manifestações do racismo digital, do explícito ao algorítmico por meio de uma metodologia ativa que integra referencial teórico antirracista, construção colaborativa de linha do tempo e exercício prático com papel e caneta.

A oficina parte do conceito de racismo algorítmico de Tarcízio Silva, definido como a ordenação racializada de classificação social, distribuição de recursos e produção de violência por meio de tecnologias moldadas por relações históricas de poder. Dialogamos também com noções de colonialismo digital, microagressões, silenciamento, invisibilização e exclusão algorítmica, reconhecendo que o racismo em plataformas não se limita a ataques explícitos envolve desmonetização, racismo religioso, vieses em sistemas de moderação e recomendação, e assimetrias de visibilidade.

Metodologia ativa (Totalizando 2 horas)

1. Abertura e conversa (15 min) – Apresentação dos tipos de racismo digital: explícito, microagressões, apagamento de narrativas negras, viés algorítmico, racismo religioso online e desmonetização seletiva.
2. Construção coletiva da Linha do Tempo de Tarcízio (40 min) – Em grupos, os participantes recebem cards com marcos teóricos e empíricos (ex.: “2019 – Silva propõe racismo algorítmico”; “2021 – casos de moderação racializada no Brasil”; “2023 – Consulta Pública sobre Racismo em Plataformas”). Coletivamente, organizam esses eventos em uma linha temporal gigante no chão ou parede, discutindo a evolução do debate.
3. Prática com papel e caneta – “Caça ao Racismo Digital” (50 min) – Distribuímos capturas de tela reais (anônimas e eticamente preparadas) de posts, comentários, resultados de busca ou moderação de conteúdo. Cada participante, individualmente ou em dupla, classifica o tipo de racismo digital presente (ou a ausência), justifica brevemente e propõe uma intervenção antirracista (ex.: denúncia, contra-narrativa, auditoria).
4. Discussão guiada e encaminhamentos (15 min) – Socialização de casos desafiadores, conexão com a proposta de aplicação de monitoramento de racismo digital mencionada na pesquisa-base, e sugestões de ferramentas de social listening com recorte antirracista.

Resultados esperados

No final os participantes serão capazes de:

- Nomear diferentes tipos de racismo digital além do discurso explícito de ódio;
- Situar historicamente o debate sobre racismo algorítmico no Brasil;
- Aplicar uma matriz analítica prática para identificar violências raciais mediadas por plataformas;
- Propor respostas individuais e institucionais (observatórios, auditorias, políticas públicas).

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
------	-------------	----------------	--------

Amanda Priscila da Silva	Pretalab / Olabi		6
--------------------------	------------------	--	---

Do Código à Estratégia: Metodologias de formação técnica para aceleração de lideranças negras na tecnologia

Esta oficina propõe uma análise prática sobre a estruturação de percursos formativos em tecnologia que transcendem o ensino técnico de linguagens de programação, focando na preparação de talentos negros para a tomada de decisão estratégica. A premissa central é que a sub-representação racial no ecossistema digital não é apenas um problema social, mas um risco à integridade das soluções tecnológicas. Como demonstrado por Joy Buolamwini (MIT/Coded Bias), a ausência de pessoas negras nas etapas de concepção e teste de algoritmos resulta em tecnologias enviesadas e excludentes.

Partindo da experiência na coordenação pedagógica de programas de alto impacto, como o Ciclo Formativo Pretalab e o Next Step Tech (Olabi/Google), a atividade discutirá como deslocar o profissional negro da posição de apenas "consumidor" ou "executor" para a posição de pensador e arquiteto de soluções. O foco será demonstrar que a presença de lideranças negras na estratégia de tecnologia é o que garante produtos mais éticos, inovadores e condizentes com a realidade global.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Thaynara Monique Mendes	UFRJ		7

Colonização Digital e Precarização Racializada

A oficina "Colonização Digital e Precarização Racializada" propõe uma reflexão crítica e experiencial sobre as relações entre tecnologia, trabalho por plataformas digitais e desigualdades raciais no contexto contemporâneo. Partindo de uma perspectiva antirracista e decolonial, a atividade busca discutir como aplicativos de transporte e seus sistemas algorítmicos reorganizam formas históricas de exploração, atualizando lógicas coloniais através da mediação tecnológica. A proposta insere-se no Eixo 1 – Racismos e Tecnologia, ao compreender que tecnologias digitais não são neutras, mas atravessadas por estruturas de poder que impactam de maneira desigual sujeitos racializados. A oficina toma como ponto de partida experiências relacionadas ao trabalho de motoristas de aplicativo, analisando como promessas de autonomia, flexibilidade e empreendedorismo individual se contrapõem a condições concretas marcadas por instabilidade econômica, ausência de direitos trabalhistas, vigilância algorítmica e vulnerabilidade social. A atividade enfatiza como a precarização do trabalho afeta de maneira desproporcional trabalhadores negros, evidenciando a centralidade da raça na organização contemporânea do capitalismo de plataforma.

Metodologicamente, a oficina será desenvolvida por meio de uma dinâmica imersiva e participativa estruturada em quatro estações que representam diferentes territórios da cidade do Rio de Janeiro, considerando suas desigualdades urbanas, econômicas e raciais: Zona Norte, Zona Oeste, Zona Sul e Centro. Os participantes assumirão o papel de motoristas de aplicativo e deverão circular entre os territórios tentando atingir uma "meta diária" de ganhos, enquanto enfrentam situações adversas inspiradas nas experiências reais do trabalho por plataforma.

Ao longo do percurso, os participantes receberão cartas de eventos relacionadas a discriminação racial, avaliações injustas, violência urbana, aumento do combustível, invisibilidade algorítmica, cancelamentos de corridas, metas abusivas e bloqueios de conta. A dinâmica contará ainda com a presença simbólica de um "algoritmo", responsável por distribuir corridas, alterar regras e produzir penalizações de maneira opaca e desigual, reproduzindo a lógica de controle e imprevisibilidade presente nas plataformas digitais.

A proposta busca estimular uma compreensão crítica sobre conceitos como colonialismo digital, racismo algorítmico, uberização, vigilância tecnológica e precarização racializada do trabalho. Além da dimensão conceitual, a oficina pretende provocar uma experiência sensível e corporal das desigualdades, permitindo que os participantes percebam como raça, território e tecnologia se articulam na produção contemporânea de exclusões sociais.

Ao final, será realizado um momento coletivo de reflexão e debate sobre as experiências vivenciadas, articulando as situações da dinâmica com discussões sobre justiça social, direitos digitais, gestão algorítmica e políticas públicas antirracistas. Espera-se contribuir para o fortalecimento de práticas educativas críticas e para a ampliação do debate sobre os impactos sociais e raciais das tecnologias digitais no mundo do trabalho contemporâneo.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
------	-------------	----------------	--------

Ana Maria dos Santos Rodrigues	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo		8	
--------------------------------	---	--	---	--

Escrevivências no Código: como as narrativas negras podem transformar a inteligência artificial

Esta oficina nasce de uma pergunta que não cabe em código binário: o que acontece quando as histórias de quem sempre foi silenciado passam a ser ponto de partida para construir tecnologias? A partir das Escrevivências, conceito forjado por Conceição Evaristo, a proposta convida participantes a pensar a inteligência artificial para além da técnica, compreendendo-a como campo de disputa política, ética, cultural e epistemológica. As Escrevivências unem escrita e vivência em um gesto de memória, denúncia, criação e afirmação da existência. Quando aproximadas das tecnologias digitais, ajudam a revelar o que os dados escondem e aquilo que os algoritmos dificilmente capturam quando são treinados por repertórios limitados, homogêneos e distantes das experiências negras, periféricas, quilombolas, indígenas, trans e de outros grupos historicamente apagados.

O objetivo da oficina é refletir, de forma prática e coletiva, sobre como as Escrevivências podem alimentar, questionar e transformar tecnologias digitais e sistemas de inteligência artificial. Busca-se ampliar a compreensão sobre racismo algorítmico, exclusão de dados, vieses automatizados e direitos digitais, ao mesmo tempo em que se propõe um exercício de imaginação tecnológica a partir das experiências, memórias e territórios das pessoas participantes.

A metodologia será desenvolvida em três movimentos. O primeiro é o reconhecimento: os sistemas de inteligência artificial carregam escolhas, valores e marcas históricas. Filtros de currículo que descartam nomes negros, sistemas de reconhecimento facial que falham diante de rostos escuros e modelos de linguagem treinados em bases que pouco conhecem quilombos, terreiros ou periferias mostram que a técnica também expressa desigualdades. Quando os dados faltam, falta também o direito de existir nos sistemas que decidem oportunidades, acessos e destinos.

O segundo movimento é a interrogação criativa: se a inteligência artificial aprende com aquilo que recebe, o que acontece quando passa a aprender com outras histórias? A oficina apresentará experiências que constroem caminhos a partir das margens, como o EthioLLM, voltado ao desenvolvimento de modelos de linguagem para línguas etíopes historicamente ignoradas pelos grandes sistemas de IA, e o projeto Eu Existo, que criou uma base de dados alimentada pela comunidade trans para enfrentar a transfobia algorítmica. Também será apresentado o PRETIDD, coletivo negro, interdisciplinar, formado majoritariamente por pesquisadoras, educadoras, estudantes, ativistas e profissionais comprometidos com tecnologias mais justas, humanas e democráticas.

O terceiro movimento é a prática situada. Em grupos, participantes elaborarão narrativas coletivas a partir de suas próprias Escrevivências, refletindo sobre como essas experiências podem alimentar, questionar ou transformar sistemas automatizados. A proposta é aproximar experiência, crítica e imaginação política, transformando memória, território, afeto e denúncia em perguntas concretas para pensar outras tecnologias.

A oficina é destinada a pessoas interessadas em tecnologia, educação, ativismo digital, pesquisa, arte, ciências humanas e sociais, sem necessidade de conhecimento prévio em programação ou inteligência artificial. Como resultados esperados, pretende-se que cada participante compreenda o racismo algorítmico como estrutura histórica, conheça experiências concretas de construção tecnológica contra-hegemônica e produza, coletivamente, um esboço de aplicação das Escrevivências como ferramenta de transformação digital, ética e social.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número	
Carla Cristine Gonçalves Soares Figueiredo	Ministério da Gestão de Gestão e da Inovação em Serviços Públicos		9	

Diversidade como arquitetura: oficina prática de autonomia tecnológica e inteligência artificial crítica.

A oficina parte do entendimento de que tecnologias digitais e sistemas de inteligência artificial não são neutros: reproduzem escolhas, prioridades, ausências e desigualdades presentes nos dados, nas equipes que os desenvolvem e nas instituições que os implementam. Em contextos marcados por desigualdades raciais e exclusão digital, a baixa diversidade nos espaços de decisão tecnológica tende a ampliar vieses, invisibilidades, impactos desproporcionais e barreiras de acesso aos serviços públicos.

A proposta apresenta o CLIC Diversidade, uma experiência prática de letramento e autonomia tecnológica voltada a pessoas não técnicas, especialmente servidoras e servidores públicos, equipes de inovação, lideranças e profissionais interessados na construção de tecnologias mais inclusivas, transparentes e socialmente responsáveis. A oficina combina reflexão crítica, navegação guiada em plataforma formativa e experimentação prática com ferramentas de inteligência artificial e prototipagem no-code.

Durante a atividade, os participantes irão explorar materiais, referenciais teóricos e interagir com a agente virtual Lélia, desenvolvida como mediação pedagógica inspirada no pensamento de Lélia Gonzalez. A agente atua como apoio reflexivo para análise crítica de vieses, acessibilidade, explicabilidade e impactos institucionais da IA, sem substituir julgamento humano ou tomada de decisão.

A metodologia está estruturada em três movimentos: contextualização crítica sobre desigualdades raciais e tecnologias digitais; demonstração aplicada de riscos e limitações de sistemas automatizados; e construção prática de artefatos pelos participantes. Ao longo da oficina, cada participante desenvolverá um agente crítico de apoio ao trabalho e experimentará ferramentas de construção digital sem necessidade de programação.

A oficina deriva de experiências práticas previamente realizadas em ações de letramento crítico em IA no setor público, envolvendo construção orientada de agentes e ferramentas digitais por participantes sem formação técnica prévia.

Como resultados esperados, busca-se ampliar a compreensão crítica sobre inteligência artificial no setor público, fortalecer a autonomia tecnológica de públicos historicamente afastados dos espaços técnicos e estimular formas mais inclusivas, transparentes e responsáveis de participação na construção de soluções digitais. A oficina também pretende demonstrar que diversidade, acessibilidade e explicabilidade não são elementos acessórios da tecnologia, mas critérios estruturantes de qualidade institucional.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Mateus Andrade dos Santos	Universidade Federal de São Paulo		10

Algoritmos, Imagens e Hegemonia: Inteligência Artificial e Racismo na Era da Iconomia

A presente oficina propõe uma abordagem crítica e interdisciplinar sobre as relações entre inteligência artificial (IA) e racismo, a partir das contribuições de Frantz Fanon e de perspectivas decoloniais na era da iconomia. A atividade busca analisar como sistemas algorítmicos, plataformas digitais e tecnologias baseadas em IA reproduzem, amplificam ou reconfiguram dinâmicas de discriminação racial no cenário contemporâneo de transformação digital das imagens.

Nesse contexto, a proposta visa compreender o funcionamento dos sistemas de IA e seus vieses raciais, analisar casos concretos de discriminação algorítmica e promover a reflexão crítica sobre formas de resistência, reexistência e construção de alternativas antirracistas no campo tecnológico. Trata-se, portanto, de articular teoria e prática para ampliar a consciência sobre os impactos sociais dessas tecnologias.

A metodologia privilegia a troca horizontal de saberes e a articulação entre academia, sociedade civil e experiências vividas, valorizando diferentes formas de conhecimento. A oficina será estruturada em três momentos complementares: inicialmente, uma exposição teórica dialogada apresentará conceitos-chave como racismo algorítmico, iconomia e colonialidade digital; em seguida, será realizada uma

análise coletiva de estudos de caso e materiais audiovisuais, incentivando o debate crítico entre os participantes; por fim, haverá uma atividade prática em grupos, voltada à elaboração de propostas de intervenção, como políticas públicas, diretrizes éticas, projetos tecnológicos ou ações sociais.

Em consonância com práticas de pesquisa-ação e ciência cidadã, espera-se que a oficina contribua para o desenvolvimento de uma postura crítica diante das tecnologias digitais. Como resultado, os participantes deverão ser capazes de identificar e problematizar vieses raciais em sistemas de IA, além de propor caminhos concretos para a construção de tecnologias mais éticas, inclusivas e socialmente responsáveis.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Gabriel Leite Carvalho	O Panóptico		11

A era do vigilantismo: erosão das normas cogentes diante o apartheid digital

Pelo menos desde 2018 os relatórios especiais do Conselho de Direitos Humanos da ONU debatem o crescimento da vigilância e o impacto das novas tecnologias nos Direitos Humanos, expondo como elas representam uma ameaça aos direitos de livre manifestação e movimento, mas também à vida privada dos indivíduos. Haja vista que as tecnologias de reconhecimento facial têm o potencial de perfilar indivíduos com base em etnia, raça e nacionalidade, essas ferramentas passam a auxiliar as técnicas de policiamento preditivo baseadas na identidade pessoal e impactam no fluxo entre fronteiras.

A presente oficina objetiva apresentar a evolução no tratamento do assunto dentre as relatorias especiais da ONU, com apresentação de estudos de casos para ilustrar como as tecnologias de reconhecimento facial estão criando um apartheid digital – como tem sido denominado por organizações internacionais de proteção de direitos humanos.

A tecnologia de reconhecimento facial é um mecanismo de opressão racial que corresponde ao trauma colonial narrado por Grada Kilomba, considerando que ao falhar na identificação ou percepção facial de uma pessoa negra, a ferramenta não somente gera um choque violento, mas separa todo um grupo de cidadãos do acesso à espaços e serviços e cria um etiquetamento de perigo diferente de outras raças e etnias, reacendendo a lembrança comum de um passado colonial, no qual a raça ditava o comportamento e a 'outrificação' do sujeito.

Na União Europeia, por exemplo, fala-se na inderrogabilidade das normas cogentes e a probabilidade de flexibilização do princípio do non-refoulement aos asilados e migrantes decorrente da adoção de tecnologias de monitoramento de fronteiras, já no Oriente Médio, a Anistia Internacional reconhece existir uma segregação socioespacial do povo palestino decorrente da expansão de ferramentas digitais e o discurso tecnossolucionista, e mais recentemente no próprio acesso à ajuda humanitária. Através do levantamento bibliográfico qualitativo e análise de conteúdo das relatorias, espera ser possível causar maior conscientização nos ouvintes acerca dos riscos nas assimetrias de poder frente às tecnologias de reconhecimento facial e como esses cenários estão contribuindo para a erosão da certeza que existia sobre as normas inderrogáveis de direito internacional dos direitos humanos (jus cogens) e despertar o sentido revolucionário para manutenção do combate ao lobby legislativo das grandes corporações de tecnologia. Isto é, espera-se que os ouvintes possam aplicar técnicas de análise de conteúdo para compreender projetos de lei e normativas, além de se valerem dos relatórios apresentados para fundamentar peças jurídicas, relatórios de direitos humanos ou manifestações públicas contra o uso dessas tecnologias.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
FABIANO RAMOS SANTOS	UNIGRUPO FAEF ITAPEVA/SP	NÃO SE APLICA	12

Inteligência Artificial e Racismo: desafios éticos, sociais e educacionais na era digital

A oficina "Inteligência Artificial e Racismo: desafios éticos, sociais e educacionais na era digital" tem como objetivo promover uma reflexão crítica sobre a relação entre tecnologias digitais, algoritmos e desigualdades raciais presentes na sociedade contemporânea. Partindo do entendimento de que a Inteligência Artificial não é neutra, a atividade discutirá como sistemas algorítmicos podem reproduzir preconceitos históricos e práticas discriminatórias, especialmente contra populações negras e periféricas.

A proposta pretende apresentar exemplos concretos de vieses algorítmicos em ferramentas digitais, como reconhecimento facial, seleção automatizada de currículos, recomendações em redes sociais e produção de conteúdos por Inteligência Artificial. Além disso, serão debatidos os impactos sociais dessas tecnologias nos espaços educacionais, profissionais e institucionais, destacando a importância de uma formação crítica e ética sobre o uso da IA.

A metodologia da oficina será participativa e dialógica, envolvendo exposição teórica, análise de casos reais, debates em grupo e atividades reflexivas mediadas por recursos audiovisuais e ferramentas digitais. Os participantes serão convidados a identificar situações em que a tecnologia reforça desigualdades raciais e, ao mesmo tempo, refletir sobre possibilidades de construção de tecnologias antirracistas e socialmente responsáveis.

Como resultados esperados, busca-se ampliar o conhecimento crítico dos participantes sobre os impactos sociais da Inteligência Artificial, fortalecer práticas educativas voltadas à equidade racial e incentivar o desenvolvimento de perspectivas éticas no uso das tecnologias digitais. A oficina também pretende contribuir para a formação de educadores, estudantes e pesquisadores comprometidos com a justiça social, os direitos humanos e o combate ao racismo estrutural em ambientes digitais e educacionais.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Gabriel dos Santos Gonzaga	Unirio	Não	13

Alienação, tecnicidade e racialidade: por um diálogo entre Frantz Fanon e Gilbert Simondon

Diante do crescimento, nos últimos anos, dos estudos sobre raça e racismo no campo de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), bem como da relevância do tema para o ativismo antirracista, esta oficina propõe uma intervenção voltada à reconstrução de suas filiações teóricas e metodológicas, reposicionando-as a partir das contribuições de dois autores: Frantz Fanon e Gilbert Simondon. Inicialmente, serão enfatizadas as ramificações antropológicas e sociológicas presentes nos estudos em CTS sobre raça, demonstrando suas matrizes na obra de Frantz Fanon. Em seguida, sugere-se que a abordagem fanoniana da intersecção entre raça e tecnologia, fundada no contexto histórico das lutas anticoloniais, pode ser reelaborada à luz das transformações introduzidas pelas relações técnicas no contexto digital contemporâneo.

Em um segundo momento, de caráter prático, serão estabelecidos diálogos com a Filosofia da Técnica por meio da obra de Gilbert Simondon, a partir da leitura e discussão de excertos de seus trabalhos em comparação com a abordagem da tecnologia em Fanon. Desse modo, a oficina transita de uma exposição dialogada para uma metodologia ativa, na qual os participantes serão incentivados a elaborar um inventário de tecnologias em que seja possível aplicar o entrecruzamento dos conceitos trabalhados ao longo da atividade — alienação, tecnicidade e racialidade.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Rafaella Rodrigues Venâncio	Hospital Universitário da Universidade de São Paulo	- Ana Paula Barbosa dos Santos (Anazú).	14

Disco-Debate: um percurso musical sobre o cuidado como tecnologia ancestral

Objetivos

Posicionando o cuidado como valor ético fundamental nos modos de vida afro-indígenas e reconhecendo a música como testemunho estético e histórico dos saberes coletivos, estabelecemos os seguintes objetivos:

- Dialogar sobre o papel do cuidado nas cosmopercepções e práticas das comunidades negras e indígenas no Brasil;
- Refletir sobre a perspectiva do cuidado enquanto tecnologia ancestral de defesa e afirmação da vida;
- Apresentar faixas musicais que dialogam com o tema, operando a música como registro artístico-histórico das práticas coletivas de cuidado;
- Acolher e debater as impressões e propostas do grupo sobre o lugar do cuidado na

contemporaneidade, incluídas as tecnologias digitais.

Metodologia

A organização da atividade atenderá a um movimento espiralar, onde os momentos de fala, escuta e fruição musical podem intercalar-se. Os saberes acadêmicos, vivenciais, artísticos e ancestrais coexistem e vão, ao longo da oficina, construindo o pensar e o sentir próprios do grupo participante. Com todas as pessoas sentadas em roda, articularemos os seguintes momentos:

- Apresentação dos participantes e das proponentes;
- Introdução do tema através da exploração das palavras-chave “cuidado”, “comunidade” e “ancestralidade”;
- Fruição e análise, com reprodução de cinco faixas musicais selecionadas e discussão do tema em conexão com a música.

As cinco faixas pertencem ao acervo da música preta brasileira e serão organizadas especialmente para nosso debate, navegando do samba ao rap, do instrumental ao lírico. A cada faixa, será destacado o trecho que melhor manifesta, em forma e conteúdo, as palavras-chave anteriormente listadas. Ao longo do processo, as pessoas participantes serão estimuladas a sentir, pensar e falar sobre o papel do cuidado em nossas comunidades ontem, hoje e no futuro.

Resultados Esperados

A partir da discussão teórica e da conscientização das repercussões sensoriais e emocionais desta oficina, esperamos alcançar os seguintes desdobramentos:

- Compreendendo o cuidado como tecnologia-base indispensável, alcançar uma ampliação da percepção crítica dos participantes sobre a realidade contemporânea e as tecnologias digitais;
 - Fortalecimento do repertório artístico-histórico do grupo através do contato com o acervo da música preta brasileira, evidenciando-a como registro vivo de cosmopercepções e soluções coletivas;
- Conexão corpórea e sensível no espaço de debate, reposicionando o corpo e a memória como produtores legítimos de conhecimento;

Ampliação da capacidade imaginativa, de forma que os participantes possam projetar realidades, inclusive digitais, criadas a partir de nossa própria base ancestral.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Samilly Valadares Soares	Instituto Perpetuar	Ruthelly Batista Valadares, Samilly Valadares e Ruthelly Valadares	15

Pororoca de Saberes: Caminhos Ancestrais para o Aquilombamento Digital

A Oficina Pororoca de Saberes: Caminhos Ancestrais para o Aquilombamento Digital parte das vivências e re-existências do Quilombo Oxalá de Jacunday, Território Quilombola de Jambuaçu, em Moju-Pará, e, das andanças e narrativas afrodiaspóricas dos Instituto Perpetuar - iniciativa coletiva de fortalecimento das identidades, territorialidades e ancestralidades quilombolas por meio da educação, arte, cultura e comunicação. Enquanto quilombolas, vivemos, crescemos, aprendemos e partilhamos saberes e fazeres, modos de vida e tecnologias ancestrais que são repassados de geração em geração, em roda, em rede e em comunidade.

Diante do racismo estrutural e estruturante que viola territórios, corpos e subjetividades, a população quilombola se organiza historicamente, educando, cuidando e apresentando soluções e caminhos coletivos de diálogo e transformação social. A partir do quilombo, aprendemos que para falar de tecnologias digitais, é necessário reconhecer a potência formadora e transformadora das tecnologias territoriais, ancestrais e sociais que sustentam povos e comunidades de norte a sul do Brasil. É na circularidade quilombola que tecemos esta oficina como um chamamento para o compromisso com a escuta, diálogo e consulta dos povos e comunidades tradicionais no âmbito territorial e digital, combatendo o racismo algoritmo e reivindicando o lugar de protagonismo ao ocuparmos o território da internet, com cuidado, segurança, autonomia e identidade.

Sendo assim, ousamos traçar caminhos ancestrais para o aquilombamento digital por meio das Pororocas de Saberes - metodologia comunitária e participativa, co-criada no quilombo de Jacunday, que demarca o encontro dos saberes tradicionais quilombolas e dos saberes acadêmicos formando uma estrondosa onda de conhecimento, estratégia e narrativas. A oficina busca proporcionar uma imersão nos modos de vida e imaginários quilombolas por meio de uma grande roda de

aquilombamento, palhaçaria quilombola, peneira de ideias, Mapa de Memórias e mística comunitária, negritando que o quilombo abre caminhos para o enfrentamento ao racismo, para a democratização do acesso a informação e à internet, e, comunicando demandas, realidades e estratégias de governança e cuidados digitais.

A oficina terá duração de 2 horas, composta por um momento teórico e outro prático-imersivo, com base na educação quilombola e nas tecnologias ancestrais dos quilombos. Por meio da narrativa afrodiaspórica de Mestre Nêgo Bispo, da discussão proposta por Cida Bento sobre o Pacto Narcísico da Branquitude e do debate tecido por Nilma Lino Gomes sobre o Movimento Negro Educador, compartilharemos boas práticas de educação territorial e midiática, convocando todos as/os participantes a estarem em clima de quilombo.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
João Teixeira Fernandes Jorge	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Constance Moreira Modesto Pereira da Silva, Paula Cruz Vicente	16

Do Letramento Racial Crítico ao Efetivo Combate ao Racismo Algorítmico na Esfera Judicial: a Resolução N.º 615/2025 do Conselho Nacional de Justiça

1 - Público Alvo: membros da sociedade civil, profissionais, pesquisadores, estudantes e envolvidos com questões raciais.

2 - Objetivo Geral: descrever os principais elementos antidiscriminatórios que compõem a Resolução N.º 615/2025 do Conselho Nacional de Justiça, que versa sobre as diretrizes para o desenvolvimento, utilização e governança, de soluções desenvolvidas por meio de inteligência artificial no Poder Judiciário; indicar sua possibilidade de figurar como instrumento de Letramento Racial Crítico, destinado à magistratura, e; analisar como estes elementos também podem auxiliar no combate ao Racismo Algorítmico de forma prática, na esfera judicial, na medida em que a magistratura não só é objeto do Letramento Racial Crítico, mas também passa a lidar com tecnologias democráticas, tornando-se capaz de identificar o Racismo Algorítmico, viabilizando seu enquadramento na legislação em vigor, na medida em que constatada essa modalidade de ilícito em sede de processos judiciais.

3 - Objetivos Específicos: apresentar o conceito de Letramento Racial Crítico; identificar elementos com esta natureza na Resolução N.º 615/2025; demonstrar que os elementos desta Resolução se destinam à magistratura, naturalizam o uso de inteligências artificiais democráticas e podem figurar como instrumentos de combate prático contra o Racismo Algorítmico, no âmbito de processos judiciais.

4 - Resultados Esperados: conscientização de que a Resolução N.º 615/2025 do Conselho Nacional de Justiça, além de figurar como um possível instrumento de Letramento Racial Crítico, também naturaliza o uso de inteligências artificiais democráticas pelo Poder Judiciário, logo, figura como um possível instrumento de combate ao Racismo Algorítmico de forma prática, eis que a Resolução é direcionada à magistratura, que efetivamente julga processos judiciais envolvendo o Racismo Algorítmico.

5 - Metodologia: Ação-Reflexão-Ação, realizando a troca de saberes e experiências, no que tange ao Racismo Algorítmico; refletir sobre a necessidade do Letramento Racial Crítico, especialmente da magistratura, diante da existência do Racismo Algorítmico, e; discutir sobre os elementos antidiscriminatórios que compõem a Resolução N.º 615/2025, vislumbrando sua possibilidade de se converterem em instrumentos de combate ao Racismo Algorítmico, de forma prática, na medida em que realizado o Letramento Racial Crítico e naturalizado o uso de inteligências artificiais democráticas pelo Poder Judiciário.

6 - Justificativa: as novas tecnologias estão presentes na sociedade e podem desencadear o Racismo Algorítmico, logo, a mera declaração de sua ilicitude não é suficiente, sendo necessárias práticas que efetivamente impeçam sua perpetuação. Neste sentido, a Resolução N.º 615/2025 do Conselho Nacional de Justiça se apresenta como um importante instrumento, eis que impõe que as inteligências artificiais a serem manejadas pelo Poder Judiciário devam apresentar natureza antidiscriminatória (artigo 3º, inciso I), contando com a participação/supervisão humana (artigo 2º, inciso V), entre outros. Assim, natural que a magistratura se habitue a lidar com tecnologias democráticas; ademais, considerando que elementos da Resolução apresentam natureza de Letramento Racial Crítico, possível

a identificação do Racismo Algorítmico. A vertente prática da repressão ao Racismo Algorítmico torna-se evidente na medida em que esta mesma magistratura julgará processos judiciais envolvendo eventual Racismo Algorítmico. Esse contexto deve ser difundido, a fim aproximar o Poder Judiciário ao prático combate ao Racismo Algorítmico.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Plínio Balbino da Silva Siqueira	ESDI/UERJ		17

Hackeando o imaginário algorítmico: Design, raça e fabulação nas inteligências artificiais

A oficina propõe uma abordagem sobre os modos pelos quais inteligências artificiais generativas de imagem reproduzem regimes de visualidade racializados, frequentemente atravessados por repertórios coloniais e estereotipados. Parte-se das contribuições de Lélia Gonzalez (2020) sobre Amefricanidade, de Guerreiro Ramos (2023) sobre o “fazer-a-si” e das discussões sobre colonialismo digital e imperialismo simbólico, entendendo as IAs como dispositivos que não apenas representam o mundo, mas também estabilizam imaginários sociais e hierarquias de visibilidade.

O objetivo geral da oficina é investigar criticamente os regimes de visualidade produzidos por inteligências artificiais generativas e suas implicações na construção de imaginários racializados, propondo estratégias coletivas de fabulação e disputa do imaginário a partir de repertórios afroreferenciados.

Como objetivos específicos, busca-se: (1) analisar criticamente como sistemas generativos de imagem reproduzem vieses raciais e associações estéticas naturalizadas em torno de raça, classe e corpo; (2) discutir relações entre colonialismo digital, regimes de visualidade e o apagamento de experiências negras situadas, com ênfase no contexto afro-brasileiro; (3) experimentar a elaboração coletiva de “contra-prompts” como prática de reescrita simbólica e deslocamento de imaginários hegemônicos; e (4) estimular processos de fabulação crítica capazes de produzir outras possibilidades de visualidade, representação e existência simbólica.

A metodologia da oficina será desenvolvida a partir de uma abordagem participativa e colaborativa, compreendendo a prática como espaço de produção de conhecimento e disputa do imaginário.

A atividade será estruturada em três momentos. No primeiro, será realizada uma breve contextualização conceitual sobre colonialismo digital, regimes de visualidade e os processos de racialização presentes nas inteligências artificiais generativas. A partir da análise coletiva de imagens produzidas por IA, serão discutidos padrões recorrentes de embranquecimento, exotização, hipervisibilidade da dor negra e apagamento de experiências afro-brasileiras. Essa etapa busca desenvolver uma leitura crítica sobre os modos pelos quais as plataformas generativas estabilizam determinadas ideias de “humanidade”.

No segundo momento, os participantes serão divididos em grupos para realizar exercícios de leitura crítica e elaboração de “contra-prompts”. Inicialmente, os grupos analisarão imagens geradas por comandos simples, observando quais corpos, ambientes, estéticas e relações sociais são priorizados pelos sistemas algorítmicos. Em seguida, produzirão coletivamente novas descrições e imaginários a partir de memórias, referências familiares, culturas locais e experiências negras situadas. A proposta compreende o prompt como ato projetual, capaz de disputar visualidades e produzir outras formas de existência simbólica.

A dinâmica privilegia processos de fabulação crítica como modo de “fazer-a-si” (Ramos, 2023), estimulando os participantes a imaginar aquilo que frequentemente permanece ausente dos bancos de dados hegemônicos. Ao final, será realizada uma conversa coletiva sobre os limites da IA, os imaginários reproduzidos pelos sistemas generativos e as possibilidades de construção de contra-imaginários a partir do design e das experiências negras contemporâneas.

Como resultados esperados, pretende-se fomentar leituras críticas sobre raça e inteligência artificial, ampliar o debate sobre design e disputa do imaginário nas tecnologias contemporâneas, estimular estratégias criativas afroreferenciadas e promover reflexões sobre a produção de visualidades negras socialmente situadas baseadas em processos de fabulação e reescrita. A oficina prioriza participação coletiva, experimentação crítica e construção compartilhada de repertórios visuais afro-brasileiros contemporâneos.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Vanessa Silva	Instituto Sumaúma	Maíra Vilela Helen Rose Santos	18

		Domício Felipe Martins Júnior Mariana Lopes Gabriela Soares	
Confluência Científica: compartilhando pesquisas, experiências e estratégias acadêmicas			
Esta oficina tem como objetivo criar um espaço colaborativo para que os participantes compartilhem suas pesquisas, experiências e estratégias acadêmicas. Busca-se promover o intercâmbio de práticas de metodologia e método, perpassando pela escolha de marco teórico, desenvolvimento do planejamento da pesquisa, coleta e análise de dados, revisão bibliográfica, escrita acadêmica e uso de ferramentas digitais para pesquisas sobre tecnologias digitais considerados os variados campos do conhecimento. A oficina pretende também estimular a reflexão sobre desafios comuns enfrentados em pesquisas na área e fomentar redes de apoio e aprendizado mútuo entre pesquisadores iniciantes e mais experientes.			
Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Amanda Priscila da Silva	Marcha das Mulheres Negras – Comitê de Tecnologia	Larissa Santiago Gabriela de Almeida Pereira Vanessa SilvaLaila Nery Nirvana Lima Glenda Dantas	19
IAs Ancestrais e Futuros Possíveis: Prototipando Tecnologias para o Bem Viver			
Esta oficina presencial e participativa convida os participantes a refletirem criticamente sobre o papel das tecnologias digitais e da inteligência artificial (IA) na vida cotidiana, no trabalho e na organização social, a partir da perspectiva do Bem Viver e da experiência política das mulheres negras. Alinhada centralmente ao debate sobre os impactos sociais e raciais da tecnologia, a atividade desloca o foco tradicional da eficiência e do lucro corporativo para propor uma visão ética, situada e reparadora da inovação tecnológica. O objetivo geral é estimular a reflexão crítica de pessoas técnicas e não técnicas sobre os impactos éticos e políticos da IA, conectando a governança digital aos conceitos de justiça social e direitos humanos. Como metodologia, a oficina adota uma abordagem prática e coletiva de design ficcional e imaginação tecnológica, dividida em cinco momentos ao longo de 90 minutos: 1) Abertura e contextualização sobre os impactos da IA no cotidiano (15 min); 2) Debate em pequenos grupos sobre as barreiras e potências da tecnologia frente ao conceito de Bem Viver (15 min); 3) Laboratório de imaginação tecnológica, onde os grupos são desafiados a prototipar conceitualmente uma ferramenta orientada ao bem-estar coletivo, avaliando o uso ou recusa de dados, vieses e governança (35 min); 4) Apresentação e troca de perspectivas sobre as propostas criadas (15 min); e 5) Síntese final conectando os exercícios aos debates macro políticos de soberania digital (10 min). A dinâmica utiliza o próprio telefone celular dos participantes como ferramenta de pesquisa e registro, eliminando barreiras técnicas de entrada e garantindo acessibilidade metodológica. Como resultados esperados, a oficina visa democratizar o debate técnico, capacitando lideranças sociais, estudantes e pesquisadores a intervirem criticamente nos processos de formulação e governança de IA. Pretende-se desmistificar o ecossistema digital, evidenciando que decisões tecnológicas são, fundamentalmente, decisões políticas, além de fomentar redes de colaboração e produzir visões alternativas de futuro onde a tecnologia atue como ferramenta de emancipação, equidade racial e salvaguarda de direitos.			
Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Sebastião Alves da Rocha	Coletivo Afro Acadêmico e UFBA	Karin Juliana Daffinyn da Silva Jakeliny Lobato da Silva David Matheus da Silva Frade Ana Paloma Barbosa da Silva	21

Militância digital e curadoria visual antirracista: redes e conexões para transformar a universidade e a produção de conhecimento

Esta oficina parte da experiência do Coletivo Digital Afro Acadêmico para discutir como redes digitais e escolhas estético-políticas podem enfrentar desigualdades raciais em múltiplas frentes: acesso à universidade, combater o epistemicídio, circulação de oportunidades para pessoas negras e construção de redes de afeto e pertencimento. Mais do que divulgar oportunidades, o Afro Acadêmico promove debates interseccionais sobre a realidade de povos negros e indígenas, educando audiências e fomentando um posicionamento crítico na produção de conhecimento no Brasil. Nesse sentido, a oficina objetiva apresentar um panorama crítico sobre a composição racial dos espaços acadêmicos e profissionais brasileiros, evidenciando barreiras estruturais que vão desde editais e currículos até bibliografias e processos seletivos. Como metodologia, a oficina será organizada em dois momentos. No primeiro, o grupo fará uma análise coletiva das estratégias de militância digital do Afro Acadêmico, com ênfase na curadoria visual como ato político, discutindo quem aparece, quem é citado e quem ocupa os espaços nas imagens e nos textos que circulam nas redes. No segundo momento, os participantes trabalharão em grupos pequenos para criar, coletivamente, uma peça de comunicação antirracista (um cartaz físico com o formato de um card para rede social) a partir de um tema escolhido pelo próprio grupo durante o debate. Como resultados esperados, pretende-se que os participantes saiam aptos a desenvolver um olhar crítico para as redes sociais, produzir imagens e avaliar conteúdos que rompam com a invisibilidade negra, ampliando o impacto do combate às desigualdades por meio da conexão digital.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Antônia Beatriz Pires dos Santos	Universidade Federal de Viçosa	Ester Alves de Souza Salomé	22

Escrevivências Digitais: tecnologias antirracistas, memória e a produção de conhecimento a partir das periferias.

A oficina “Escrevivências Digitais: tecnologias antirracistas, memória e a produção de conhecimento a partir das periferias” propõe uma reflexão teórico-prática sobre as relações entre desigualdades raciais, tecnologias digitais e produção de conhecimento situado.

Parte-se da compreensão de que as tecnologias digitais não são neutras: elas operam na organização das visibilidades, na circulação das narrativas e na legitimação dos saberes. Nesse cenário, diferentes estudos sobre conectividade e cultura digital em territórios periféricos, como os produzidos pela Data Favela(ref), indicam que o acesso às tecnologias móveis transformou profundamente as formas de produção, consumo e circulação cultural nas periferias urbanas brasileiras.

A lógica mobile-first, fortemente presente nesses territórios, evidencia que a produção cultural periférica não apenas consome conteúdos digitais, mas também influencia tendências estéticas, linguagens e formas de circulação em plataformas como Instagram, Reels e TikTok. No entanto, essas dinâmicas ainda são frequentemente interpretadas a partir de olhares externos e hierarquizantes, que não reconhecem as periferias como espaços de produção de inovação cultural e simbólica.

A oficina se ancora na escrevivência como prática epistemológica, compreendendo que narrar a própria experiência é também produzir conhecimento. A partir dessa perspectiva, busca-se tensionar as fronteiras entre vida, memória e teoria, reconhecendo as periferias como espaços ativos de produção de pensamento.

Serão articulados momentos de diálogo e escuta coletiva, seguidos de uma atividade prática de construção narrativa, na qual os participantes serão convidados a refletir sobre suas próprias experiências e territórios. A proposta é explorar diferentes formas de registro — texto, áudio, imagem e vídeo — a partir de dispositivos simples, como celulares, compreendendo as tecnologias digitais como ferramentas de memória, disputa de narrativa e educação antirracista.

A oficina também nasce da experiência da proponente Antônia Beatriz como comunicadora popular da Zona Leste de São Paulo, onde atua na construção de práticas de comunicação comunitária e no retorno de ferramentas narrativas para o território que me formou. Também conta com contribuições da proponente Ester Souza, que busca construir um espaço interno sensível em que possa fazer da criatividade ferramenta de resistência e acolhimento para elaborar e enfrentar as opressões do ambiente universitário e suas microviolências diárias. Nesse sentido, a proposta é atravessada por uma dimensão situada, que reconhece o conhecimento como algo produzido em rede, em convivência e em relação com o território.

Por fim, a oficina busca provocar uma reflexão coletiva: quantas mulheres negras e periféricas

produzem conhecimento diariamente a partir de suas experiências, mesmo sem que isso seja reconhecido como tal? Ao final, espera-se fortalecer uma compreensão crítica sobre o papel das tecnologias digitais na produção e reprodução das desigualdades raciais, ao mesmo tempo em que se reconhece seu potencial como instrumento de afirmação de saberes periféricos e democratização do conhecimento.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Laerte Chaves	LABIDD UFBA	Arnaldo de Santana Silva	23

Por uma nova introdução à Governança da Internet: introduzindo Técnica através da perspectiva decolonial com base no capitalismo de plataforma

A construção do que possuímos como Governança da Internet em nossa contemporaneidade não permite visualizar a existência de um contexto racial em sua composição, sendo comumente ressaltada como uma estrutura que se estrutura e desenvolve a partir de corpos hegemônicos e desenvolvidos em ambientes majoritariamente instaurados no norte global. Com a presente estrutura, vislumbra-se estruturar uma revisão nessa construção, fazendo com que a participação democrática desse recurso tão importante para nossa contemporaneidade, a internet, seja desenvolvida de forma ativa, com atenção ao colonialismo digital, aos seus impactos na sociedade e à introdução da internet sob lentes referenciais decoloniais, apresentando um panorama sobre o funcionamento e a estrutura da internet no Brasil com referências às decolonialidades que resistem ainda hoje em nossa estrutura. Nesse contexto, serão expostos os conceitos de capitalismo de plataforma, quais são os fundamentos básicos do funcionamento da internet no Brasil, como a plataformização impacta a sociedade e a estruturação de todas essas temáticas a partir de uma ótica decolonial com base nos princípios da governança da internet. Partindo de uma metodologia expositiva com interações por meio de recursos digitais, com utilização de Kahoot e referenciais oriundos das pesquisas e construções realizadas por instituições como a Desvelar, o Instituto Sumaúma, O AqualtuneLab e fomentando o conhecimento sobre personalidades negras que construíram e constroem a internet que conhecemos hoje. Por fim, convidaremos as pessoas participantes a se subdividirem em dois ou três grupos para debaterem sobre alguns casos que serão apresentados envolvendo práticas discriminatórias para, a partir dos conteúdos desenvolvidos, fortalecer o senso de pertencimento e linkar com autores e pensadores para responder perguntas-guia de forma coletiva, articulando com as teorias ali apresentadas. Esperamos que o público-alvo da presente oficina tenha uma introdução decolonial e conheça mais sobre quem são as influências negras que constroem a governança da internet atual, perpassando suas áreas e constituindo uma estrutura de conhecimento e fortalecimento da construção racial da Internet desde um momento introdutório. Desenvolveremos uma estrutura temática que abordará também quem são as grandes corporações de tecnologia, o que é a internet e como ela funciona, quem são os principais atores negros da Governança da Internet no Brasil e quais são seus focos de atuação. Por fim, a oficina pretende reforçar o ambiente de pertencimento e de referência racial, desenvolvendo, de forma ativa, uma construção decolonial que observa e desenvolve nossos ancestrais e atuais nessa rede de redes tão complexa e aparentemente desligada da racialidade em sua estruturação, mas que reproduz diversos estigmas que envolvem toda a sociedade e marginaliza especialmente pessoas negras em seu desenvolvimento.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Mike Araujo	Instituto Commbne e USP	Ailson Taveira	24

Visualidade e representação racial: introdução à análise visual de imagens em plataformas digitais

A proposta da oficina é apresentar e demonstrar ferramentas e métodos utilizados em pesquisas acadêmicas internacionais, especialmente no campo dos métodos digitais e da análise visual, traduzindo essas abordagens para a realidade brasileira e para investigações comprometidas com a justiça racial. A oficina busca aproximar esses referenciais de estudos sobre representação racial, vieses algorítmicos e racismo algorítmico, discutindo como plataformas, sistemas de busca, metadados e classificações automatizadas impactam a visibilidade, a invisibilidade e a representação da população negra nos ambientes digitais.

A atividade propõe uma introdução conceitual e metodológica à análise visual de imagens em ambientes digitais mediados por plataformas, sistemas de busca, metadados e classificações

algorítmicas. Parte-se do entendimento de que imagens digitais não circulam de forma neutra ou isolada, mas são organizadas por infraestruturas sociotécnicas que classificam, ranqueiam, recomendam, ocultam e tornam determinadas visualidades mais recorrentes, enquanto outras permanecem invisibilizadas ou sub-representadas.

No primeiro momento, serão apresentados conceitos fundamentais para compreender a visualidade digital, a representação racial em imagens e os modos como plataformas e bancos comerciais produzem repertórios visuais sobre raça, diferença, corpo, identidade e pertencimento. Serão discutidas noções como invisibilidade, hipervisualidade, racialização das imagens e mediação algorítmica.

No segundo momento, a oficina apresentará uma aplicação metodológica voltada à análise visual de imagens em bancos comerciais, compreendidos como corpus mais controlado. A partir de exemplos práticos, serão demonstrados procedimentos para coletar, organizar, classificar e visualizar conjuntos de imagens, explorando recursos como composição de corpus, leitura de metadados, análise de recorrências visuais, redes de rótulos e visualizações que auxiliam na identificação de padrões, ausências, associações e hierarquias.

O objetivo principal da oficina é apresentar possibilidades de análise visual em métodos digitais para investigar representações raciais em imagens de plataformas e bancos de imagens. Entretanto, também busca-se introduzir conceitos centrais sobre visualidade digital e representação racial, discutir como sistemas de busca e classificações algorítmicas participam da organização das imagens, demonstrar ferramentas aplicáveis à análise visual e refletir criticamente sobre como essas técnicas podem evidenciar invisibilidades, hipervisualidades e padrões de racialização em ambientes digitais.

Espera-se que, ao final da oficina, os participantes compreendam os principais conceitos envolvidos na análise visual de imagens digitais, reconheçam limites e potencialidades dessas ferramentas para estudos sobre representação racial e sejam capazes de visualizar caminhos metodológicos para aplicar esse tipo de abordagem em pesquisas, projetos acadêmicos ou investigações comunicacionais.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Carlos Massingue	Maphiko		25

CLASSE, RAÇA COMO SOFTSKILLS NA SOCIALIZAÇÃO DE ALGORITMOS

Capacitar participantes a identificar e intervir criticamente no modo como algoritmos aprendem e reproduzem hierarquias de classe e raça sob a forma de softskills naturalizadas. Conceituar o termo socialização algorítmica como processo distinto de viés estatístico. Mapear alguns softskills valorizadas no mercado bem como seus respectivos proxies de classe e raça. estudo de caso reais onde um algoritmo utiliza essas softskills para rankear ou excluir pessoas. (Algoritmos discriminatórios) Prototipar contra-medidas (hacks) que explicitem a desigualdade estrutural como dado relevante. Propor pontos de partida de pensar e agir a partir do now how de classe e raça como softskills. Ex: projetos de tecnologia e soluções web que tem como foco a promoção, divulgação, exaltação racial e na denuncia das desigualdades raciais. Metodologia Ativa, crítica e propositiva – combinando exposição curta com trabalho em grupo e prototipagem rápida. Inspirada em pedagogias decoloniais e no conceito de algorithmic justice. Dos resultados esperados: Capacidade analítica – identificar, em menos de 2 minutos, um possível proxy de classe ou raça escondido numa softskill.

Repertório crítico – nomear pelo menos 3 mecanismos de socialização algorítmica (ex: rotulação enviesada, feedback loop, ausência de contexto estrutural).

Protótipo de hack – cada grupo sai com uma intervenção documentada (ex: checklist, contra-algoritmo, pergunta de auditoria).

Perguntas próprias – cada participante formula uma questão para levar para seu trabalho/militância/coletivo.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Valdinei Freire	Aqualtune Lab		26

Genealogia do Racismo Algorítmico

A crescente adoção de sistemas de inteligência artificial em processos de tomada de decisão tem ampliado preocupações acerca de seus efeitos discriminatórios, especialmente em contextos como crédito, segurança pública, saúde e justiça criminal. Embora o campo do aprendizado de máquina tenha desenvolvido métricas de fairness e técnicas de mitigação de bias, tais abordagens frequentemente tratam os sistemas algorítmicos como artefatos neutros e generalizáveis, oferecendo respostas predominantemente técnicas a problemas historicamente situados. Em contraste, pesquisadores das Humanidades e movimentos da sociedade civil têm denunciado o racismo algorítmico a partir de seus efeitos concretos, evidenciando como desigualdades sociais são reproduzidas e ampliadas por sistemas automatizados.

Esta oficina propõe uma introdução à agenda de pesquisa denominada Genealogia do Racismo Algorítmico, que busca compreender como mecanismos inicialmente discriminatórios em sentido técnico — isto é, capazes de distinguir indivíduos a partir de atributos — tornam-se dispositivos eticamente discriminatórios quando incorporados a práticas institucionais. Inspirada na genealogia foucaultiana e dialogando com autores dos estudos críticos sobre raça e tecnologia, a oficina investigará as motivações, decisões de projeto, relações sociais e racionalidades institucionais envolvidas na produção e legitimação de sistemas algorítmicos racialmente discriminatórios. A metodologia combinará a apresentação de um arcabouço analítico com sua aplicação coletiva a casos selecionados. Na primeira parte, serão apresentados conceitos fundamentais relacionados à discriminação algorítmica, fairness, viés algorítmico e racismo algorítmico, contrastando abordagens técnico-computacionais e perspectivas críticas das Humanidades. Em seguida, casos concretos de sistemas algorítmicos serão analisados buscando mapear: (1) os atores envolvidos; (2) as justificativas institucionais para adoção do sistema; e (3) as decisões técnicas tomadas no desenvolvimento.

Como resultados esperados, espera-se proporcionar aos participantes instrumentos conceituais para analisar criticamente sistemas algorítmicos para além de seus resultados observáveis, compreendendo os processos históricos, sociais e institucionais que possibilitam a estabilização do racismo em tecnologias digitais. A oficina também pretende fomentar o diálogo interdisciplinar entre Computação, Ciências Humanas e movimentos sociais interessados em justiça algorítmica.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Clarissa Marques Santos França	AqaltuneLAB		27

A Saúde Digital e o Impacto sobre a População Negra

A transformação digital na saúde vem modificando a forma como os serviços são organizados, ofertados e acessados. Entretanto, é fundamental refletir sobre como essas inovações impactam diferentes grupos sociais, especialmente a população negra, historicamente afetada por desigualdades no acesso à saúde e por práticas de racismo estrutural e institucional. Objetivo Geral

Discutir o papel da saúde digital na promoção da equidade em saúde, analisando seus impactos, desafios e potencialidades para a garantia dos direitos da população negra.

Objetivos Específicos

Compreender os conceitos fundamentais de saúde digital.

Conhecer a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.

Refletir sobre os impactos do racismo estrutural e institucional na saúde.

Debater os desafios da inclusão digital e do acesso às tecnologias em saúde.

Analisar riscos de vieses raciais em sistemas de inteligência artificial aplicados à saúde.

Desenvolver propostas para utilização da saúde digital como instrumento de promoção da equidade racial.

Nome	Instituição	Co-proponentes	Número
Johanna Katiuska Monagreda	AqaltuneLAB	Glenda Dantas Cardoso	28
Deepfakes desde uma perspectiva de raça e gênero			
Em 2026, a plataforma Desvelar lançou a segunda edição do e-book Enfrentando Deepfakes, uma obra coletiva que reúne perspectivas afrodiaspóricas e análises de pesquisadoras e ativistas que examinam os impactos das deepfakes e da inteligência artificial nas dinâmicas de gênero, racismo, controle social e desordem informacional. O objetivo da oficina é refletir sobre a importância de centralizar a raça para falar da produção de conteúdos sintéticos. A partir da discussão dos textos, espera-se identificar a particularidade das vozes que emergem do lugar de enunciação Negro-Sul Global sobre a tecnologia.			